

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA
GUIOMAR TORREZÃO

1.ª SERIE

LISBOA, 23 DE MARÇO DE 1881

NUMERO 15

GERENTE
HENRIQUE ZEFERINO

EXPEDIENTE

De novo rogamos aos nossos assignantes das provincias o favor de remetterem a importancia das suas assignaturas, sob pena de lhes ser suspensa a remessa da nossa revista. Breve encetaremos a publicação em folhetins, do ultimo romance posthumo de Georg Sand, ALBINA.

Publicamos hoje um numero extraordinario expressamente destinado a inserir o artigo do nosso eminente collaborador, o sr. Camillo Castello Branco, cuja publicação não poderiamos demorar. Satisfazemos tambem assim aos desejos dos nossos numerosos leitores e assignantes.

QUESTÃO LITTERARIA

O sr. Camillo Castello Branco e a «Corja»

Está furioso, este desgraçado. Nunca puxámos pelos arames a um bonifrate que tanto se desengonçasse. Ameaça de se desconjunctar pelas articulações. Está o que se chama verdadeiramente medonho. Ferimol-o nos seus brios de recta-pronuncia, unicos que lhe restam de um magro e dissipado cabedal de pudor, e chammejam-lhe os olhos de raiva e silva de colera como uma serpente venenosa, á qual tivessemos arrancado a lingua e quebrado os dentes.

Se nos lisongeasse a victoria sobre um camello haviamos de encontrar satisfações á nossa vaidade no desvairamento d'esta besta apocalyptica, e pedimos perdão á Biblia pela irreverencia com que n'este confronto aviltante lhe calumniamos a bicharia immunda.

Mas não nos lisonjeam os triumphs obtidos pelo ferro em brasa. Marcamos este galeriano na espadua e agora ahi o deixamos de grilheta ao pé, como um miseravel inoffensivo.

Esta questão está terminada.

Não é possivel discutir com um insensato n'um tal estado de allucinação.

Quebramos aqui o protesto de continuar indefinidamente esta polemica.

Contavamos com todas as torpesas; com o que não contavamos porém foi com a tolerancia do nosso estomago para supportar a presenca do torpe.

Vencem-nos o nojo da sua baixesa e não o receio do seu valor.

Abandonamos-lhe o campo perfeitamente vexados de nos termos batido a *box* com um ebrio, que, pelo praguejar obsceno, nos fez perder por um instante o respeito proprio e o do publico.

Nós deviamos ter previsto este desastre desde todo o começo, por que sabiamos que nenhum homem de bem pode roçar-se pelo sr. Camillo Castello Branco sem ficar emporcalhado no contacto.

O nosso receio n'este momento, ao abandonarmos esta polemica, não é de que nos acusem de covardia, pois que não ha covardia em lagar um garoto a quem ministramos uma correcção de chicote, é de que nos acoimem de imprudente e ridiculo por termos questionado em plena rua com uma colareja... de cartola.

Emendamo-nos da leviandade.

Corde-se pois com os louros da victoria, que tem muito onde os prenda.

Nós accrescentamos-lhe generosamente a restea de alhos do *hors de ligne*.

É inutil sacudir-se n'esse furor grotesco, porque quantos maio-

res esforços empregar para se libertar das farpas, mais ellas lhe penetrarão nas carnes.

Não possuímos na nossa pequena livraria o *Ante christ* de Renan, mas a phrase que cita d'elle para justificar a tolice do *hors de ligne* ou não é authentica ou é incorrecta. Inclina-mo-nos á primeira hypothese, porque acreditando na competencia philologica do sabio orientalista francez, sabemos que o sr. Camillo em questões de probidade litteraria é... o sr. Camillo uma cousa que faria corar de vergonha a propria vilania.

A phrase *hors de ligne*, na accepção particular em que o sr. Camillo a empregou, é incorrecta porque assim a declaram Littré, a primeira auctoridade contemporanea em questões de lexicologia franceza, e Larousse, que, pelo menos, vale Boyer e Cormon, que conhecemos como simples litteratos. No seu *Dictionnaire de la langue française* diz com effeito Littré na palavra *ligne*:

Hors ligne, se dit de ce qui n'est pas dans le rang, de ce qui mérite une place exceptionnelle.

Larousse no mesmo vocabulo do seu *Grand dictionnaire universel da XIX siècle* escreve:

Hors ligne: D'une supériorité très marquée: Une ouvrage hors ligne. Un écrivain hors ligne.

No mesmo dictionario e no termo *hors* lê-se mais o seguinte:

Hors ligne: Dans une condition tout-à-fait exceptionnelle, tout-à-fait supérieure: Un talent hors ligne. Un candidat hors ligne.

E accrescenta o seguinte para exemplificar:

C'était une idée fort répandue dans l'antiquité que l'homme hors ligne ne peut étre né des relations ordinaires de deux sexes (Renan)!

Sim, Larousse cita uma phrase de Renan para ensinar que, no caso em que estamos discutindo, se diz *hors ligne* e não *hors de ligne*, o sr. Camillo Castello Branco, o da Samardam, invoca tambem a auctoridade de Renan para afirmar que se diz *hors de ligne* e não *hors ligne*. Quem terá rasão?... Camillo, o do Divino Jesus, ou Larousse, o encyclopedico?... Quem terá mais auctoridade?... Camillo, bailio de S. Miguel de Seide, ou Littré, o lexicographo?

E' Camillo, porque assim o affirma Guiomar e porque assim o assevera Torresão.

Emquanto ao sr. Silva Pinto... Não pertubemos o sr. Silva Pinto no extase constricto em que se está habando deante do grande genio. Não vá esta *avalanche* da critica esmagar-nos a nós depois de se ter esmagado a si proprio. Credo, que susto, mana, como dizia o sr. Marianno de Carvalho!

Eles agora arrulham como um casal de pombos nos cios da primavera. Camillo beijoca Silva Pinto e murmura:

—És uma lingua de prata! Silva Pinto derrete-se em puro goso e suspira:

—És uma boquinha de ouro!

Não estão mansinhos assim, mas só nos parecem um tanto masadores. Quando voltarem a unhar-se e a descompor-se avisem, que queremos comprar um logar do sol para os disfructar.

Ao sr. Silva Pinto diremos apenas que está citando menos cor rectamente phrases das duas ultimas cartas que lhe dirigimos. Publique essas duas cartas na integra e depois discuta-as á sua vontade, já que está com tanto appetite de assoalhar a sua pessoa n'esta desgraçada questão. É nos hoje muito indifferente a seriedade critica de s. ex.^a. Não espere que o discutamos. Nós vamos andando e cantarolando aquelle verso de Dante:

Non ragionare di loro... etc.

Ao barulho da contenda sahiram á rua uns fraldiqueiros da litteratura e aproveitam o calor da refrega para me morderem os calcanhares com os seus pequeninos dentes empeçonhados na raiva da propria obscenidade. Nós previramos o perigo e tinhamos por isso sahido para o campo com as nossas botas mais grossas, de duas solas, com que, no exercicio da nossa profissão, temos pisado muita lagartixa e esmagado com nojo outras alimarias mais inoffensivas do que estes idiotas d'um certo jornalismo, que como o burro da fabula, se persuadem que são gente pelo facto de trazerem encavalgado nos lombos o idolo da propria estupidez.

Ficam desde este momento liquidadas todas as minhas contas com essa canzoada ignobil. Aqui lhes deixo um bolo de strichnina para cada um. Não se desavendam na partilha.

Pedimos por um momento emprestada ao *Antonio Maria* aquella farta vassoura que lhe ornamenta o titulo e varremos todo esse lixo para a rua, camillo e corja. O nosso desprezo se encarregará de dispersar tudo isso como outros tantos trapos velhos. Fechamos a porta e vamos lavar-nos de toda esta porcarias, que já é tempo.

Meninos, meninas e hermaphroditas, outro officio.

Acabou-se a palha com que a azemola das *Ribaltas* tirou o ventre de miserias. Agora...

Vae, misero cavallo lazarento etc. que da nossa prosa já não tornas tu a alimentar-te, esta leve palha que te arredondou a anca e te anediou o pello.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

CONCEIÇÃO-CORJA

O meliante, ao fugir, fede. É como uma pequena besta mansa, carnívora, do Senegal, chamada *bombardeiro*. Quando se vê em perigo, aquelle porco bicho golfa da extremidade do abdomen um liquido explosivo que é fedorento e queima. O bombardeiro vae fugindo e seringando: tal é Conceição, bombardeiro—o putrido, quando foge.

A respeito do *hors de ligne*, não viu o *Ante-Christ* de Renan, por que não tem o livro; mas persuade-se que eu falsifiquei o texto para *justificar a tolice*. É o *bombardeiro*, tal qual. Mão no nariz, e ávante.

O certo é que eu tenho a satisfação de annunciar aos meus amigos em particular e ao publico em geral, que o homem não mandou cá o tal gallego prometido. Elle tinha dito *que assim que se*

FOLHETIM

A ESCRAVATURA

Nunca estrangeiro conquistou mais rapidamente as sympathias de Lisboa do que Joaquim Nabuco. A *réclame* poupou-o. A sua chegada foi simplesmente annunciada nos jornaes do dia por um pequeno *suelto* de tres linhas:—*Chegou do Brazil, pelo paquete de ontem, e achu-se hospedado no Hotel de Bragança, o sr. Joaquim Nabuco, deputado e escriptor brasileiro.*

Sabia-se que elle era o auctor de um livro consagrado á nossa litteratura e intitulado *Camões e os Lusíadas*. Sabia-se mais que elle era na sua patria, depois da morte do visconde do Rio-Branco, o principal defensor e o primeiro representante da causa da abolição da escravatura. Para respeitar o personagem bastava isto. Para o estimar seria preciso deduzir o individuo do estudo de sua obra, tirar o homem de dentro do escriptor e de dentro do politico. Porque a verdade é que ninguem ama um talento, uma competencia ou uma capacidade; o que se ama no homem é um caracter.

N'estes casos o publico, quando não tem tempo de estudar as obras, precisa pelo menos de olhar para as caras dos sujeitos. Ai dos feios! O publico presume contra elles. O burlesco physionomico é uma especie de alcunha sarcastica imposta pela natureza implacavel para o fim de assassinar pelo ridiculo as aspirações á popularidade. Joaquim Nabuco tem o aspecto physico dos homens em que

lhe esgotassem os recursos da palavra, alugaria no Porto um gallego que me viria rebentar com dous pontapés. Ora, como os recursos da palavra se lhe esgotaram no transcendente letigio do *hors de ligne*, ou elle alterou o mortifero projecto, ou não encontrou gallego que o quizesse representar.

Ainda ha, pelos modos, gallegos honrados e incruentos.

Mas, venha ou deixe de vir o mensageiro homicida, um de nós deve morrer imprescindivelmente. Desde que li em Luciano (ou *Lukianos*;— todo o melindre se faz preciso com tamanho polyglota), que dois poetas, Archiloco e Hipponax, á força de satyras, conseguiram que Lycambo e Bufalo se estrangulassem, concebi o tragico proposito de cerrar de perto com o sr. Conceição até elle se enforcar, anavilhado pela consciencia de Judas do Romantismo dos beijos e dos abraços. Se conseguir este *desideratum*, eu—vingo a honra da grammatica e da rhetorica portugueza; elle—entra na immortalidade dos Bufalos pendurados; e, se da sua cabeça não foi possivel tirar idéas, pode tirar-se anneis.

Entretanto, apercebendo-me para a sensação atroz da promettida morte de estoiro, tratei de anestheziar-me com o chloroformio de dois recentes productos do sr. Conceição—o tunante a cargo de quem se acham as trovoadas philosophicas e os diluvios das asneiras patrias. Um dos productos borbulhou ha dias no OCCIDENTE, e chama-se *O nursery*. O outro é uma carta estravada no *Seculo* n.º 50, com o titulo *Homenagem a Victor Hugo*.

Direi da primeira cataplasma que se chama *O nursery*. Elle explica o titulo inglez. Relata que as suas cinco meninas tem um quarto na caza, especialmente seu, chamado o *quarto das brincadeiras*. Esta noticia momentosa poz os leitores do OCCIDENTE n'uma attitude de meditação contemplativa. As familias, ouvido o caso, abriram as bocas e murmuraram no tom espantadigo das revelações que intupem: «As 5 meninas do philosopho Conceição tem um quarto chamado das brincadeiras!» A sensação beliscou a curiosidade palerma das creanças. Meninas loiras com o dedo intruzo no bordo interno do nariz, perguntavam quem eram as princezinhas de quem o periodico dava tão consideraveis noticias. «São as 5 meninas de um philosopho que discorre nos jardins de Academus da Figueira, posto que Trancoso o visse nascer e garotar. Ellas tem o seu quarto das brincadeiras. O prelo o divulga, a imprensa o gene; e em quanto houver quem leia n'este paiz, os evos irão contando aos evos que as meninas do sr. Conceição tinham o seu quarto das brincadeiras.

Em seguida, vem a interpretação do vocabulo inglez *Nursery*.

as multidões acreditam instinctivamente porque os acham fortes—primeira das condições para os sinceros. Além do que, elle tem as maneiras correctas, o olhar intelligente e o sorriso espirituoso que atraem os delicados. Foi por isso, que na manhã seguinte á primeira noite em que esse viajante appareceu em S. Carlos, muitas pessoas lhe foram deixar os seus bilhetes ao hotel de Bragança.

Ser o portador de uma idéa humanitaria e generosa é uma bella cousa, mas possuir uma physionomia em que se espelhe a limpidez de uma convicção é predicado essencial para fazer circular uma idéa representada por um individuo. Com um peito estreito e concavo, uns pés arrastados, uma verruga na ponta do nariz e uns oculos cõr de asebre, Joaquim Nabuco arriscar-se-hia gravemente a encontrar o principio do abolicionismo muito menos radicado do que seria para desejar na opinião portugueza.

Deve-se dizer em abono da pura verdade, que nós outros, vellos escravistas, nós outros, que durante seculos baseamos no elemento servil a fundação e o desenvolvimento de todo o nosso regimen colonial, não temos ainda hoje ácerca da plena emancipação dos negros uma convicção inteiramente definida e sufficientemente assentada.

O nosso problema da colonisação africana tem precisamente por base a organização do trabalho livre nos nossos dominios do ultramar. E esse problema não soubemos ainda resolver-o. Principiamos apenas agora a estudal-o, e vemos erguidas de todos os lados as enormes difficuldades de instruir e de moralisar de um dia para o outro uma raça que durante tantos centenaes de annos devastámos e corrompemos, atacando-a mortalmente nas fontes da moral collectiva, no sentimento da familia e no sentimento da patria.

Diz que devemos adoptal-o com a orthographia sonica de *Nersery*, e que significa o quarto da ama, e por *extensão* o quarto das creanças.

Este imbecil maciço, de par com a trivialidade desenxabida, expede sempre uma tolice glottica. O vocabulario de Valdez ensina a pronunciar *Nors-ori*; Walker e Smart mandam pronunciar *Nurse-ry*; o sr. Conceição quer que sonicamente se diga *Nersery*.

Elle de idiomas percebe. No francez é o que se sabe; no inglez é o que se vê; no portuguez, quando souber declinar os pronomes reciprocos, está prompto.

Dada a versão e a pronuncia de *Nursery*, nunca mais se percebe a razão por que o conto se intitula assim. O philosopho vae para a praia com as pequenas, e por lá acaba a historia que podia chamar-se indifferentemente *Nursery*, ou *Turd* ou *Looseness*. Beha nos Dictionarios o sr. Conceição.

Chegados que foram á praia, em quanto as meninas brincavam, deitou-se elle de cangalbas, de papo assima — postura de mariola em soalheiro fora de portas. *Estendi-me no areal (diz o bruto) de ventre para o ar como um vadio, pondo as mãos debaixo da cabeça em forma de travesseiro.* Ahi o tem no realismo pelintra de gallego á porta da alfandega á hora de sesta. Lembrou-lhe então um dito de Taine, a respeito da capella *Sextina*, escreve elle. O extremado lórpa escreveria *Sixtina*, *Sistina* ou *Xistina* se soubesse que foi *Sisto* ou *Xisto IV* o fundador da capella.

Tanto sabe elle se o papa era *Sisto*, como se era *Sexto*, como se era *Septimo*.

Estava pois de barriga ao sol como um Diogenes de bric-à-brac que não usa da pipa senão em sangrias copiosas, quando uma das filhas lhe perguntou quem fizera o mar. O philosopho respondeu amphibologicamente, de modo que a pequena replicou: — «A Guilhermina diz que foi Deus.»

Ora esta Guilhermina era filha de um sr. doutor Nunes, deista ao que parece, que a educára na idea de que Deus creára o mar; mas Conceição positivista redarguiu: «É que a Guilhermina sabe mais do que eu.» E perguntou á menina purpurejada de pejo: «Tu sabes quem fez o mar? Então talvez saibas tambem quem fez Deus.» E ella, cada vez mais envergonhada, respondeu ao philosopho cada vez mais triumphante: «Não sei.»

Conceição vencêra immudecendo a creança a quem deu a primeira lição de atheismo na presença das suas 3 filhas que não conheciam a palavra Deus com a significação de Creator. Que pae, que mestre, que educador, e que fabricante de esposas e mães!

Em face dos estorvos, dos conflictos, das perdas de toda a ordem que envolvem o estabelecimento de um regimen de liberdade na organização economica e social das nossas colonias, os partidarios da escravidão exclamam:

Nós bem o tinhamos preto! Vós legislaes de cá em nome do sentimentalismo poetico, em nome do humanitarismo philosophico e litterario. Nós estivemos lá e vimos de perto a questão pratica. O negro constitue uma raça excepcional, incompativel com todas as communicações de civilisação. É estúpido por natureza, é mandrião até á immobildade, é vingativo por tradição, é cobarde, é refalsado. O seu temperamento, a sua indole, a orientação do seu cerebro quasi paralyzado tornam-o refractario a todos os estímulos de trabalho, de moralisação e de progresso. Não ha senão um meio de o utilisar para a civilisação: — a violencia. Não ha senão um meio de lhe imprimir disciplina: — o açoite.

É o que ouço dizer todos os dias aos torna-viagem de Africa, aos que conviveram com os pretos, que os trataram em todas as relações da vida, e que, portanto, os devem conhecer a fundo, directamente e experimentalmente.

Aos factos que me são oppostos por individuos de cuja veracidade e de cujo bom senso não posso duvidar, eu não tenho realmente que retorquir.

Sinto só uma cousa: a grande curiosidade de saber o que seria o branco se um mais forte do que elle — um azul ou um côr de rosa — o tivesse submettido durante trezentos ou quatrocentos annos ao systema de conquista e de aprasamento de que tem sido objecto o preto. Queria ver o que seria no mundo o homem da minha côr — privilegio epidermico devido a uma inferioridade de raça, a po-

breza do nosso pigmento — se atravez de centenares de gerações elle tivesse atravessado a existencia a que tem sido condemnados os individuos mais ricamente dotados do que nós na materia colorante da epiderme!

Que plantará elle nas almas em que vae destroçando as flores do ideal religioso? Naturalmente dá-lhes a ler as *Flores d'alma* que offereceu ao pae Simoens. Que o incauto doutor Nunes se apresse a desviar a sua Guilhermina de tal conviencencia, e insista em lhe asseverar que foi Deus quem creou o mar. Entre Conceição e Rozalino Candido opte pelo segundo philosopho que lhe exclama judicioso: *O Deus dos ignorantes é a prova mais clara, é o testemunho mais eloquente, é o pregão universal mais altisonante da verdadeira existencia de Deus.* (Luz da RASÃO, 13.º anno, n.º 1.)

Vamos escodeando a crôsta ao idiota enfrontado em philosopho atheista. Cá está a *Homenagem a Victor Hugo*. Elle leu no *Siècle* os festejos ao grande poeta revolucionario. Sensibilisou-se mysteriosamente, chorou e disse: *Escrevo-te com os olhos rasos de agua de indescriptivel commoção.*

Conhecia-se a *agua de Colonia*, a *agua de Inglaterra*, a *agua de Labarraque* e outras aguas; mas a *agua de indescriptivel commoção* é fonte que gurgulhou da sua hydropesia de parvoices. E depois — um sujeito scientifico, um physiologista, chimico, biologo, morphologo, somatologo, em fim anthropologo não chama ás lagrimas *agua*. As lagrimas são um humor, uma secreção, glandular. Este homem, chamando ás lagrimas *agua*, é capaz de chamar á remella *topasios*.

Conta elle que se fez em França a *apothese* de Victor Hugo. *Asneira* original. *Apothese* quer dizer *divinisação* (*apothéo*, radical *theos*, deus). É a deificação do homem entre as divindades. Faziam-se estas cerimoniaes aos mortos illustres na Chaldea, na Grecia e em Roma. Tiveram apothese Romulo, Cezar e outros imperadores. Tambem Caligula e mais o seu cavallo tiveram apothese em vida, por excepção; mas com certeza o sr. Conceição não quiz que o exemplo de Caligula servisse á deificação do cantor pensionado de Luiz XVIII — o monarchista esturrado.

A França não *divinisou*, festejou o poeta, esta é que é a verdade.

Outro sim, diz elle que a apothese foi feita *áquelle assombroso velho do Victor Hugo*. D'esta redacção deprehende-se que o festejado não foi Victor Hugo; mas sim um velho d'elle — o *velho do Victor Hugo*. O complemento determinativo *do* faz do poeta e do velho duas pessoas. Se eu disser, por exemplo, *a besta do sr. Conceição*, ninguem acreditará que o sr. Conceição é a besta; mas sim que o sr. Conceição possui uma cavaladura; e, embora se diga que elle forma com ella substancialmente o centauro,

breza do nosso pigmento — se atravez de centenares de gerações elle tivesse atravessado a existencia a que tem sido condemnados os individuos mais ricamente dotados do que nós na materia colorante da epiderme!

Eu queria ver o branco depois de uns poucos de seculos passados no meio da natureza invasora e suffocante dos climas tropicaes, monteado, batido, acossado, perseguido como se fôra uma fera; apanhado vivo, como um cavallo ou um touro selvagem: violentamente arrancado dos logares queridos da sua infancia, dos seus prazeres; das suas luctas, dos seus amores de animal; separado dos seus companheiros, dos seus amigos, dos seus irmãos: amarrado á força; conduzido na recua, debaixo de chicote, desde o interior dos sertões até á beira do mar; embarcado ahi a bordo de um navio; arrojado com um immenso montão de carne viva para o fundo de um porão; recebendo os alimentos e a luz atravez da grade de ferro da escotilha; debatendo-se ferozmente pela vida, por um pouco d'ar, por uma pouca de mandioca, por uma sede d'agua, contra o resto da *carga*, enfurecida, convulsa, atacada pelo desespero, pelo vomito, pela febre, pelo delirio, pela alienação mental, com os olhos em sangue, rugindo, mordendo, matando, na confusão tenebrosa e horrenda d'aquelle carcere empilhado de gente, fluctuando no abysmo do grande mar...

É uma curiosidade esta, que me remõe invencivelmente! Queria lá ver meu irmão branco, depois de uma viagem d'essas, já anteriormente feita por seu pae, por seu avô, por seu bisavô, por seu tatoravô! Queria-o ver chegado a porto de salvamento. Arrancado semi-morto, emagrecido, chagado, de cima do um leito molle de cadaveres em fermentação. Guindado ao convez na ponta de um

a grammatica exige que os dois sejam distinctos, apesar da sua coesão esthetica e plastica. Se eu quizer dizer que «o joven monarchista Victor Hugo não é o velho republicano Victor Hugo» não serei tão inepto que escreva: «O joven do monarchista do Victor Hugo não é o velho do republicano do Victor Hugo.»

A correspondencia fecho assim: *Mando-te um abraço cordeal por que esta festa é de todos nós, é de todos os democratas, é de todos os republicanos que tem em Victor Hugo o seu maior propheta. Victor Hugo é o S. Paulo do novo christianismo da Justiça. Sinto-me tão expansivo n'este momento que, se não receasse ser taxado de jacobino, terminaria com um VIVA A REPUBLICA...*

Não quer ser taxado de jacobino. O que elle é — bem o sabe a Europa — é um jacaré sedento do sangue dos Braganças em chouriços, e d'uma fome voraz de almondegas de jesuitas. De resto, como propagandista de republicas, é a metempsicose pytagorica do idiota Manuelinho de Evora — a alma penada d'um tolo que se lhe alparidou no corpo pelo sitio por onde o gallego do Garrett se esquivava ao ingersso do diabo, e lhe está fazendo na epiderme as comichões phreneticas da sarna revolucionaria.

Chama elle *propheta maior* a Victor Hugo. Esqueceu-se do seu Littré e teve um ataque de romantismo enfatico e declamatorio. Um philosopho positivista regeita a chimera do profetismo, e não trata rhetorica e banalmente de prophetas os precusores revolucionarios ou evolucionistas. Mas agora me lembro que A. Comte, fundado n'umas cabalisticas *medidas de transição*, tambem prophetisou; mas sobre a sua memoria pesa o ridiculo d'essas profecias que fazem lembrar Cardan e Nostradamus. (Vej. Stuart Mill. *A. Comte e o positivismo*.) O christianismo da justiça não tem Ezequieis nem Habacucs; tem operarios e evangelisadores, tem apóstolos, uns tolos como o sr. Conceição e Jean Journet, *l'Apôtre* por excellencia, de ridicula memoria — e outros intelligentes e previstos como Voltaire e Victor Hugo. Chamar ao author dos *Miseraveis* o *S. Paulo do novo christianismo da justiça* é de primeiranista de theologia coimbran. Está 60 annos atrazado na comprehensão das origens do christianismo. Vê S. Paulo como os mestres do seminario de Santarem. A christologia critica moderna não dá a Paulo a importancia propagandista que o sr. Conceição quer attribuir ao *propheta* Victor Hugo. A influencia do converso de Damasco, as suas desavenças com Pedro, poseram algumas christandades em risco de sossôbro. Consulte Renan: *Paul était trop peu sympathique à la conscience populaire, et aussi peut-être trop bien connu par l'histoire, pour qu'il pût se former autour de sa tête une auréole de fables... Que fut*

cabo. Lavado na tolda como um trapo immundo com dois baldes de agua. Desembarcado ás costas de um grumete. Deposto na praia ardente, ao sol e ás moscas, como um fardo inerte. Vendido ahi finalmente por alguns dobrões, ao emissario de um fazendeiro, que o leva como pode para a roça, que o trata, sangrando-o, applicando-lhe clysters, ministrando-lhe purgas por meio de um chave-lho recurvo introduzido na guela, como fazem os alveitares ás bestas enfermas: até que, readquirindo forças e começando a ter-se um pouco sobre si mesmo, primeiro de mãos no chão, depois de cocoras, por fim em pé, elle é arrebanhado no rancho, recebe umas calças de algodão inglez e um chapéu de esteira, e vae com os mais cavar a terra do exilio, n'uma fieira longa, submissa e triste como a das boiadas.

A ignorancia da lingua estranha em que ouve fallar em torno de si condemna-o por algum tempo a um mutismo de camello domestico ou de mula amansada. Mas ha providencialmente uma linguagem universal para as relações do homem que manda, com o homem que obedece: ha o pontapé eloquente nas nadeças para ir para diante, ha o murro expressivo no queixo para andar para traz e ha a applicação do açoit de nove correias, cingindo persuasivamente o corpo em todas as suas partes e explicando com mais ou menos rodeios a um bom vertebrado tudo o que a intelligencia humana pode exigir d'elle para as necessidades da vida correlativa. Essa linguagem o preto aprende-a no fim de um pequeno tirocinio.

Tanto a lingua como tudo mais que o preto aprende na chacara do seu dono, quero erer que o branco o aprendesse tambem com igual ou superior facilidade. Faço ao branco essa justiça, porque traçando estas ligeiras linhas da historia negra, eu não alimento

Paul? Ce ne fut pas un saint. Le trait dominant de son caractère n'est pas la bonté. Il fut fier, roide, cassant... etc. Victor Hugo parece-me um sujeito mais estimavel e mais prestadio que Paulo á reformação da sociedade. Outra apreciação de Albert Réville: *Paul fut médiocrement compris et encore plus mal soutenu de son vivant. Une foule d'indices démontrent que sa mémoire tomba promptement dans un oubli relatif, si même elle ne fut pas tenue pour suspecte, etc.* (*Histoire du dogme de la divinité de Jésus-Christ*, 2.^a ed. 1876, pag. 34).

O sr. Conceição não sabe nada d'isto. Mas então que diabo lê elle? De vez em quando desenforja muitas alforrecas de palaviado technico da philosophia, as mesmas em tudo que escreve, quer no artigo de fundo, quer no folhetim, quer na local. Conhece se que a sua sciencia paroleira se formulou na lambugem de palavras do *Vocabulaire des principaux termes de la philosophie positive*, de Eug. Boudet. Quanto ao mais, uma ignorancia das coisas trivialissimas da litteratura, e um tal atrazo no que mais essencialmente se ventila em materia de religiões que o supponho de todo estranho a Max Muller, a Stuart Mill, a Draper e a Hartmann.

Não sei se pega desculpa dos ares serios com que me ia esquecendo d'esta desmarcada alimaria. É intractavel, e escorega-me das mãos como uma enguia, se por momentos descambo á polemica circumspecta.

No remate da carta, *sente-se tão expansivo que quer gritar viva a republica!* Este homem não é simplesmente um tolo insulso que abusa da indulgencia com que uma discreta indiferença lhe concede as expansões. Aqui ha motivo para mais alguma cousa: uma grande tristeza de par com um grande ridiculo. O que elle aloja no interior do craneo, não sei; mas que não regula bem, isso para mim é de fé; e o sr. dr. Craveiro, se quizer fallar verdade, diz-lhe o mesmo. Se mudasse de meio, se não escrevesse, se disstisse de aprender por emquanto a declinar os pronomes pessoases e os reciprocos? Mas é triste, porque o proprio Rozendo de Lavarabos, o *causa nostra letitia*, fazia tristeza á velha academia de Coimbra; e é ridiculo porque todo o sandeu que faz praça dos seus desvarios impressos é um dos *Grotescos* de Gautier, é uma extravagancia chasqueada, ridentissima, enquanto não recebe no catre de um hospital o carimbo solemne do caustico. Mas a zombaria é implacavel com os hallucinados piegas que choram de entusiasmo e sentem guinadas de gritar, como os horrachões escandecidos no regresso das hortas, *viva a republica*, a proposito d'uma *apothéose*. Burlescos d'esta laia não cabem na galeria dos *Excentricos* de Champfleury, nem na dos *Il-*

sentimento algum de animadversão ou de hostilidade contra a raça a que tenho a honra de pertencer. Tão sómente o que suspeito — sem com isto envolver allusões pessoases a ninguem — é que o branco, depois de tratado como o preto durante o decurso de um certo numero de gerações, não seria talvez nem mais digno, nem mais intelligente, nem mais espirituoso, nem mais moralizado, nem mais progressivo, nem menos preto do que é hoje o outro.

Emquanto ás nobres necessidades que agitam o nosso mundo civilisado, enquanto aos fecundos estímulos de applicação e de trabalho que nos impellem vertiginosamente atravez da nossa civilização, eu não sei francamente o que existiria de tudo isto se, durante os ultimos trezentos annos de um dominio de escravidão, nos tivessem posto a cegar canas de assucar ou a mover manivellas de engenhos, separando-nos ferozmente das nossas mulheres, das nossas mães e dos nossos filhos, e limpando-nos duas vezes por dia a golpes d'azorrague todos os preconceitos tumultuarios que pudessemos nutrir ácerca das cousas a que chamamos a nossa patria, a nossa lingua, a nossa religião, a nossa familia, a nossa vontade, a nossa força e o nosso direito.

Quer-me parecer que tendo sido postos no logar até hoje occupado pelos negros, na America e na Africa, nós nos sentiriamos talvez um quasi nada derreados na dignidade de raça e que teriamos porventura a estas horas um lumbago no orgulho da especie.

E no momento de vir libertar-nos um John Brown, um Lincoln, um Rio Branco, um Nabuco, eu duvido muito que a nossa actividade, apenas solta do servilismo bestificante, principiasse immediatamente a exercer-se, com a energia intelligente e disciplinada que nós reclamamos do preto liberto, sobre os interesses da civilização.

luminados de Gerard de Nerval, nem na dos *Fous célèbres*, porque a maluquice do sr. Conceição nunca hade ter grande celebridade: falta-lhe o matiz da graça, a pachuchada que promove os impulsos do riso.

Uma coisa que me dóe é haver ahí algum innocente que me considere affrontoso á sciencia moderna na pessoa do sr. Conceição. Isso é fazer-me grande injustiça a mim, e dar-lhe a elle uma categoria puro fantastica. Dóbro o Joelho deante do altar da Idéa Nova, mas rio-me do sachristão porque o acho muito chulo. A sciencia essa é invulneravel e immaculavel: nem elle a póde sujar, nem eu posso feril-a.

Isto vai serio de mais. Bem se vê que tenho os olhos montados, com a pitada do meio-grosso engatilhada ao nariz conspicuo, sobrejacente ao lenço de Alcobaca.

Venha de lá alguma laracha, algum chasco bem marujo, sr. Conceição!

Ah! eu não o espero! Portugal, quanto a graça, está symbolisado no velho Theodorico. Somos a cristalisação de Manoel Mendes Enchundia. Sofra embora a minha philaucia, confesso que a arteria comica n'este feracissimo torrão de Ribeiro Chiado e Gil Vicente está exhausta; e, se alguma vez a tunica se dilata e arfa com violencia, não é vitalismo são: é o sacco aneurysmatico que vae re-bentlar.

Ha dois annos, quando o *Cancioneiro alegre* abriu as reprêzas da chacota cis e trans-athlantica, observei que do Brazil me enviaram chalaças muito finas, ao passo que os remoques nacionaes eram achamboados, d'uma insulsez parrana, que só podia ser excedida pelas actuaes argucias salóbrás do sr. Conceição. Confrontando a superioridade faceta dos brazileiros e a desgraçosa boçalidade mazôrra dos meus patricios, lembram-me uns versos do grande Francisco Manuel do Nascimento:

*O que Jove gaitreiro outorga ao Mono,
Trombudo, o nega ao Burro.*

Parece que o brazileiro está na plena effervescencia da sua animalidade jovial, tem sangue juvenil, não attingiu ainda aquelle grão culminante de perfeição psicologica d'onde principia o retrocesso. É aquillo de Blount: *Tudo pende ao suicidio impellido não só pela Natureza que o conduz á sua perfeição, mas tambem pela arte e educação que aperfeiçoa a Natureza.* O excesso de espirito entesta

O negro emancipado recusa-se com obstinação ao trabalho. Nós outros não seriamos mais diligentes em igualdade de circumstancias. Quem tem falta de tudo não precisa de nada. Nós movemo-nos apenas, muito debilmente, para prover ao que é necessario. E' unicamente pelo superfluo que se trabalha.

Não será de mais o exigir de um preto nú, prostrado por uma existencia inteira de obediencia e de pancada, que elle consagre o seu primeiro dia de liberdade á nobre ambição de constituir dignamente a sua familia, de mandar á escola os seus filhos, de economisar algum dinheiro para a velhice e de ter um ramo de flôres, ao domingo, sobre a mesa da casa de jantar? Quereis que elle se ponha de repente a appetecer aquillo que nós desejamos: um camarote na opera, um tapete no quarto, um quadro no salão, um escudo d'armas na portinhola da carroagem, uma bibliotheca, um movel artistico, uma quinta no Minho, uma viagem á Italia?!... Não. Elle unicamente ambiciona, por emquanto, o prazer supremo que toda a vida lhe contrariaram: o prazer de não ser mandado, o prazer de desobedecer a toda a lei humana, o prazer de estar quieto.

Pondo o caso em mim, eu faria certamente outro tanto. Escravo liberto, preto emancipado, antes de me resolver a entrar na civilisação branca, eu pediria algum tempo de espera, uns vinte ou trinta annos apenas, para mandar tranquillamente essa civilisação ao diabo.

Encarando, pois, o abolicionismo pelo seu lado puramente humano e sem discutir a questão social e a questão economica envolvida n'esse principio, eu regosijo-me de o ver largamente reconhecido e apoiado pela opinião portugueza no cordeal acolhimento feito pela imprensa e pelo parlamento ao deputado brazileiro Joaquim Nabuco.

A honra singularmente distincta que fez a camara dos deputa-

com as aridas charnecas da philosophia assoladora; e quando o portuguez na decadencia cachetica, pensa que a sua *encerebração* (palavra de Augusto Langel, *PROBLÈMES*) cresce e se desenvolve n'uma exuberancia de tortulhos em pantano, torna-se um microcephalo em comparação das chalaças reinadias dos espiritos inter-tropicaes. Por tanto, nós, os lusitanos, quanto a ditos salgados e pulhas salientes, somos os anthropoides dos brazileiros, e o sr. Conceição é um dos exemplares mais patêgos e evidentemente desgraçados. Haeckel appresental-o-hia ao lado da vera effigie de miss *Julia Pastrana* no livro da *Anthropogonia*, como um exemplar de cretino sem papeira que suppura nos jornaes de 10 réis, mas que os não vale na obra da dynamica social — no processo evolutivo do genero humano.

Com que então, adeusinho?

Leitor, ao despedir-me de v. ex.^a a quem peço perdão pela parte que involuntariamente tomei no escandalo do vergonhosô pugilato, sempre quero que veja o estado em que este cannibal me deixou. É elle que o diz com cynica alegria; e eu, como expiação, aqui deixo traslado da triumphante protervia do facinora inexoravel:

*Mas não nos lisonjeam os triumphos obtidos pelo ferro em brasa.
Marcámos este galeriano na espada e agora ahí o deixamos de grilheta ao pé, como um miseravel inoffensivo.*

Isto é verdade; mas o gabar se é uma jactancia de feroz maroto.

Pois bem! Eu, apezar de esmagado, volto-me para o verdugo, e digo lhe que não faça das suas magras letras projectis da lama que lhe recochetam ao rafado carão. Seja um soffrivel apontador de estradas, que para isso lhe basta a sua intelligencia rudimentar. Para mais não tem. Convença-se de que não pode aguentar-se na luta com um adversario medianamente instruido. A vangloria de me ter alcachorado não o sedusa á temeridade de tentar desmolado novas correrias no lamaçal das suas criticas. Pode encontrar pulsos que lhe façam uma pega de cara e lhe quebrem para sempre as armas que joga.

Cuide das suas obrigações estipiadas. Quando estiver de cangalhas na praia da Figueira, não pense na capella *sextina*, nem deslusa a idéa de Deus das almas das creanças: estude de costas os pronomes e conjugue um verbo. Incuta nas suas meninas uma sã educação moral que as purgue da peçonha de tal pae; encaminhe as de modo que, ao sahirem do lendario quarto das brincadei-

dos a esse parlamentar estrangeiro, mandando uma commissão complemental-o na galeria publica e conduzil-o ao recinto da assemblea, onde se lhe deu assento, foi considerada por alguns como manifestação desproporcionada do seu fim e attentatoria dos usos estabelecidos no parlamento portuguez. O deputado sr. Antonio Candido, auctor da proposta a que me estou referindo, foi accusado de precipitação e de leviandade reprehensivel. A *Correspondencia de Portugal* escreve a esse respeito no seu ultimo numero o seguinte:

«Todos os parlamentos do mundo são visitados por membros de outros parlamentos. Os homens mais eminentes honram as tribunas reservadas das assembleas politicas das nações estranhas, pois que em todas ha logares reservados, onde se assiste commodamente ás discussões. Ainda, porém, em nenhuma assemblea monarchica ou republicana se deu logar no seu seio a pessoa alheia a ella, por mais distincta que seja, por mais alto que o mundo tenha o seu merecimento. A razão d'isto é evidente, é do interesse de todos. Feito o que agora e pouco reflectidamente acaba de fazer o sr. padre Antonio Candido, teria de fazer-se sempre, se o precedente ficasse em vigor, que apparecesse entre nós um membro de qualquer parlamento estrangeiro, isto é, o obsequio que principiou no sr. Nabuco tornar-se-hia regra geral sem ser admissivel o allegar-se que só deve ser feito a parlamentares distinctos, porque admittida esta arbitrariedade qualificação, o obsequio a uns tornar-se-hia em injuria a outros parlamentares. Se, porém, o obsequio fosse para todos então deixaria de ser obsequio e tornar-se-hia uma cousa commum. Eis o perigo, os inconvenientes da singular proposta do reverendo deputado portuguez.»

ras, não se persuadam que a vida é uma continuada brincadeira nos quartos.

18 de março de 81.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

O Immaculada

Vem de costume annunciarem-se os grandes prodigios por grandes maravilhas.

Prophecias, symbolos, visões e sonhos apocalypticos são, por via de regra, precursores dos homens extraordinarios.

Não se partiu a cadeia com a apparição d'este cometa auricrinito, que explende na noite azul do firmamento, deixando atraz de si uma cauda de muitos milhões de leguas astronomicas, destinada a bater os mundos, como a cauda de um leviathan phenomenal, lançado por decretos providenciaes nas profundezas do espaço; mas cauda, que inscientes e ignaros confundem com a de papagaio de papel.

Quando a mãe do Immaculada no seu periodo de gestação alojava no ventre bemaventurado o chimpanzé gigantesco, sonhou, como a mãe do celebre santo peninsular, que trazia um cavalleiro armiluzente, especie de Roldão farfalhudo, armado de ponto em branco, que devia apparecer á frente das hostes aguerridas de uma nova fé litteraria, e destroçar, desbaratar, aniquillar e pôr de cocaras o cavallo e o cavalleiro das legiões inimigas!

Que sonho, Immaculada, que sonho!

Quando o *mungengro* se babava nos joelhos do papá Simões, viu-se fluctuar chamma tenue na cabeça do néné, e lamber-lhe a loura como sem lh'a crestar: repetia-se o milagre do menino Ascanio:

Lambere flamma comas, et circum tempora pasci.

Cabem de golpe em terra, e prostram-se de joelhos os illustres progenitores de *l'enfant prodige*, e ouviu-se um grande choro de alegria no palacio, em cuja sala d'armas os Chalcas d'esse tempo já viam em visões estranhas o craneo de Camillo Castello Branco pendurado dos muros, como trophéu de glorias venatorias, ganho em montados de critica bravia.

Mas, ó desgraça! ó illusão! ó escalabro!

Em vez de um guerreiro de luz, brotou um D. Quixote picaresco e soez, armado d'elmo de papelão, couraça de estopa, escudo de

Não me parece que o sr. Filippe de Carvalho, redactor da *Correspondencia* e antigo deputado da nação, tenha todas as razões que imagina para se sobresaltar com as consequencias do precedente estabelecido pela proposta do sr. Antonio Candido. Em primeiro lugar, o sr. Joaquim Nabuco não foi recebido no recinto da assemblea legislativa a titulo de *parlamentar distincto*. A distincção de que elle foi objecto exprime unicamente a adhesão do parlamento portuguez á mais nobre causa da justiça e da civilisação, á causa da liberdade incondicional e plenaria de todo o homem na lucta pela existencia sobre o planeta que habitamos. Não foi um individuo mais ou menos illustre que a camara dos deputados compri mentou, recebendo no seu gremio o sr. Joaquim Nabuco; foi a emancipação de dois milhões de negros que ella saudou na promessa que o chefe do partido abolicionista personificava.

Para que esse precedente seja logicamente invocado em casos futuros, seria preciso que se desse a analogia das circumstancias. Isto parece-me pouco presumivel, porque, emfim, depois de libertos os ultimos escravos que ainda existem como derradeira mancha na civilisação contemporanea, será de certo bastante difficil o pretender libertar mais alguns!

Se porém, quizermos dar a maxima latitude ao sentido e ao intuito da manifestação de que foi objecto Joaquim Nabuco, se considerarmos que a escravatura não é a unica fórma da oppressão, e que ha servos brancos quasi tão dignos de piedade como os escravos negros; que a justiça social não fez ainda tudo quanto reclamam d'ella, ainda agora, os polacos, os bulgaros, os montenegri nos, os herzegovianos, os irlandezes e os boers do Transwaal; se finalmente a estima e a consideração votada aos que procuram abo-

gutta-percha, lança de palha, e espada de cortiça (tremci, ó carças dos hosques), e assim se apresenta este Duth-marun, braço de morte, digno de ser cantado por um Ossian de farça burlesca, com momos de Caliban de Shakespeare, esgares de Quasimodo risivei, e truculencias de um Han d'Islandia em carnaval; uma deformidade intellectual e moral; um corcovado de Sevilha, um ridiculo enorme, pelintra, miseravel; uma insignificancia atroz e rara.

Emerge da sombra do seu nada, do pó da sua inopia, e salta á arena, arrotando philosophias, envolvido em trapos de arlequim em feira reles, agitando os guizos em chocalhada infernal, succudindo aos quatro ventos da publicidade os farrapos sujos da mortalha de A. Comte, neophito parvoinho de um positivismo grosseiro, indecente, e immoral, desatando a torto e a direito em bordoad de marialva lorpa, em paulada de cego pedante, e escolhendo para primeira victima o mais illustre dos escriptores actuaes, o Achilles das lides da imprensa; este Ney, a quem não cançam nem seiscentas batalhas, nem seiscentas legoas de viagem.

Mas, ó homem raro, não te ungio Samuel para David; tu não prostrarás este valente Goliath.

Vão de setta á estacada o grande lidador; envolve o Immaculada nas espiraes do seu latego, d'onde chovem estrellas ardentes, e deixa-o por terra estatelado, arquejante, moribundo, a quem se poderia applicar os versos de Ariosto: (*si parva licere componere magnis*.)

*Bestemmiando fuge l'alma sdegnosa,
Che fu sì altiera al mondo, e sì orgogliosa.*

Moribundo, mas pequeno; um verdadeiro carrapato.

Pelas chagas do dorso do solipede correm as crispações de dores cruciantes; e nas vascas d'aquella agonia suina espoja-se o bucephalo, que pela mais tola das irrissões tomou o nome do seu domador.

No tremor das convulsões espasmodicas tenta em vão abordoar-se do querido pau de chuço trancosino, e pede ao calão dos cocheiros os mais asquerosos e chulos dos seus termos para atirar á face do insigne polemista.

Exhibiu-se.

Mas exhibiu-se chagado, purulento, tabido. Exhibiu-se como a alimaria do Tolentino:

Vae, misero cavallo lazarento...

lir a escravatura no seu derradeiro entricheiramento, nós a ampli ficaremos a todos aquellos que pelos seus serviços á humanidade merecem d'ella o nome de bemfeitores; e se n'essas condições um, dois, duzentos ou quinhentos individuos se apresentarem em cada anno a assistir ás sessões do nosso parlamento na galeria do publico, como a *Correspondencia* receia, que perigo pôde haver em que a camara os convide a todos, um por um, como convidou o chefe do partido abolicionista no Brazil a irem sentar-se no meio dos representantes da nação?

Se isto é effectivamente uma prova de estima e de respeito, com que fundamento havemos de recusar esse tributo áquelles que o merecem?

Não está nas praxes?! Que diabo! reformem-se as praxes, desde que ha principios mais elevados, mais benevolos e mais humanos do que aquellos em que se baseavam as disposições do antigo regimento.

Não caberão na sala todos aquellos, que nós nos julgarmos com obrigação de amar e de distinguir?! Deite-se abaixo a sala.

Estou persuadido que o paiz preferiria de certo mandar chamar um pedreiro a declarar ao mundo que nas velhas e caducas instituições portuguezas, até o espaço falta para offerecer uma cadeira a um homem de merito.

RAMALHO ORTIGÃO.

(Da *Gazeta de Noticias*).

Mas gesticulava, barafustava, contorcia-se.

Era um estrebuchar insensato, um espojar-se delirante, um debater-se frenético nas ancias da hydrophobia, tormentosas e sem alívio.

Dava-se ares.

E nas galerias corria uma gargalhada homérica; uma casquina-da ruidosa, estridula, unisona.

Era o paiz que ria á tripa fórra da desgraça incommensuravel do Briareu mal ferido, do Titan escalavrado, do estafermo asqueroso: uma catadupa.

O' Lazaro, Lazaro!

A nós, pequena formiga, tentou tambem esmagar-nos com a pata, o mastodonte.

Ora, o sapientissimo anatomico, que de escarpello em punho se penteia para desfibrar alheios meritos, deverá saber que na natureza predominam os contrarios; cada animal tem o seu: qual o contrario do mastodonte não o disse Cuvier; que o contrario do elephante é a formiga, diz-se geralmente; conte pois o elephante, que como formiga lhe farei o mal que poder, no intuito somente de defender a pelle.

Elle pedia á nossa prosa babada e pelintra os adjectivos unctuosos, e emolientes para ungir, e anediar a juba do leão do Minho.

Tolice.

Desferrou-se (desculpe, que é metaphora), desferrou-se a dois passos de caminho; assoberbou-o a onda; recrudescou em furor, e saiu-se com sarapatel de Rodomonte de encruzilhada, de Ferrabraz de trivios immundos, galgando de salto, e prosa gafenta, ranhosa e safada, toda a distancia que medeia da brandura ao furor, da delicadeza á brutalidade, da seriedade á demencia.

Oh! este Immaculada é de todo o ponto precioso!

Que siga ali se perde para o pescoço de um asno!... (desculpe, que é rhetorica).

Fomos queimar um grão de incenso em honra do genio; incenso puro, impolluto, desinteressado, porque Camillo Castello Branco não nos conhece; já nos viu duas vezes sem attentar em nós; nem elle tem obrigação de attentar em todas as vulgaridades que se lhe antolham; e vae senão quando, zás! bordoadas de crear bicho.

Este micromegas lendario, a jogar a cabra cega com o censo commum, este micromegas, que ao estender da tibia faz tremer os mundos, ao executar as artes de funambulo laponio, espanta o universo.

Mas isso é illusão de optica.

Quem conhece o verrinario do torrão luzo, quem conhece o latrinario de Trancoso em vez de um gigante ideal, encontra apenas vibrão microscopico, que rabeia nos monturos, e faz por se mostrar!

Mas de toda essa nauseabunda polemica, de todas essas verrinas descabelladas esvurma o escandalo decotado, a semsaboria irritante, o vituperio azedo, e incruado nas indigestões da inveja: mas idéas, philosophia, rasões, e argumentos, d'isso... nada.

Se elle é engenheiro, estudou mathematica, e não tem na cabeça senão cifras!

Se n'aquelle craneo, como em caixa de bufarinheiro, fluctuam, empurram-se, atropellam-os os zeros, e os angulos em dança macabra, em baile pyrrhico?

E só zeros! e só angulos!...

Mas olhe, sr. Conceição, olhe que a platéa começa a bocejar, tomada de tedio, e dominada pelo asco.

Se ainda olha para o palco, é para o ver pernear na garra do leão, que provocou.

Demais acha-o muito enxabido, muito chocho, muito occo, muito petulante: e aberta já o nariz, porque espera vel-o estoirar, como boneco de fogo em romaria sertaneja, n'uma sordida explosão de essencia de... violetas.

Alvar e burlesco, como o asno da fabula, o sr. Conceição desperta apenas a piedade, que as almas generosas dispensam aos mentecaptos.

Alcides de algodão, e de comedia, vestiu a tunica do centauro, e queimou-se na sua propria filaucia.

Ora pois; consta que os deuses antigos converteram em constellações varios animaes: exore-os, peça-lhes, que levantem á ca-

thegoria de constellação mais um jumento, que o colloquem entre Leão e a Ursa maior (comprehende?), para a patria de Camões ter o gosto de o admirar n'uma apothese phantasmagorica, n'uma transfiguração gloriosa, e rever-se n'essas chagas convertidas em estrellas sem serem precisos calculos de Leverrier, nem o telescopio d'Herschell.

Terminaremos dizendo ao sr. Conceição: não somos fidalga; pertencemos apenas á aristocracia do estudo e do trabalho; não estranhámos, por não fazer preceder o nosso humilde nome do D. surrado; isso só o faz gente delicada; mas calçamos luva branca para escrever este artigo.

Esperamos ver desfiar ante nós o rosario de perolas, que o insigne positivista tem de reserva para as crises fataes.

Mas não nos mande o gallego; temos muito medo dos executores de alta justiça, e se a pena de morte está no decalogo do positivismo, fugiremos espantados pedindo-lhe o dorso em troca da prosa babada e pelintra, para nos levar a toda a brida para o paiz da nossa obscuridade.

SOPHIA AMELIA.

CARTEIRA DE UM FANTASISTA O DESPERTAR DE LILI

(SCENA INTIMA)

No seu pequeno leito reclinada,
Dorme, n'um somno, olympico, suave,
Como no ninho fófo
A pequena ave.

Sonha e sorri: da graciosa bocca,
Que, entreaberta, imita
Corolla que vae abrir,
Despertam, vão sabir

As pétalas d'um lyrio, á luz da antemanhã...
Não é uma flór, é um hymno,
O hymno das creanças,
Ella disse: — mamã!

Eil-a, que corre rapida, contente,
Sollicita de beijos e cuidados
Sorrindo-se nervosa,
Ao ver estender-lhe os braços docemente
D'entre os lençoes, alvissimos, nevados
Aquelle sonho vivo, cór de rosa!

Cinge-lhe, ao colo, os membros pequeninos,
Louca d'amor, encheu-lhe a bocca breve
De beijos puros, frescos, matutinos.

Entanto, o pae, de leve,
Chegára á porta e contemplava rindo
O encanto da mulher e a consciencia
Fazia-lhe, baixinho, a advertencia:

Filhos,... creanças, são da humanidade
As captivantes perolas,
As nuvens ténues, céulas
Das nossas liberdades...

Mas viu-o a filha, sorriu-lhe...
Elle, a rir, lá foi tambem
Pousar os labios trementes
Nos sitios rouxos e quentes
Dos beijos loucos da mãe!

Lisboa — 1880.

MARCELINO MESQUITA.

ERRATA

No artigo de Silva Pinto — *Camillo Castello Branco e a Corja* — publicado no precedente numero das *Ribaltas*, onde se lê: — «O sr. Conceição commette erros iguaes aos 40 annos,» leia-se: — «O sr. Conceição commette erros iguaes, aos 40 annos.»

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

PREÇOS

Cada numero 20 réis | Rio de Janeiro—Assignatura
Lisboa Assignatura de 25 nu- | de 25 numeros... 2\$000 réis
meros 500 » | Assigna-se em casa dos srs. Sousa Tei-
xeira e Moraes Calabre—95, Rua dos
Assigna-se na Livraria Zeferino—87, | Ourives, 95.
Rua dos Fanqueiros, 87.

PRESENTES

É bem conhecido o bom gosto dos objectos que ex-
põe o CENTRO COMMERCIAL. Ali se vê o que ha de me-
lhor em Paris, proprio para offerecer á mais aristo-
cratica dama ou ao mais distincto cavalheiro. SEMPRE
NOVIDADE. Regalos e Luvas aromatisadas.

LISBOA—Rua Aurea, 120 a 124.

PORTO—Praça de Carlos Alberto, 11, 12, 13 e 14.

ALMANACH DAS SENHORAS PARA 1881

POR

D. GUIOMAR TORREZÃO

PUBLICADO SOB A PROTECÇÃO

DE

Sua Magestade a Rainha

11.º ANNO DA SUA PUBLICAÇÃO

À venda em todas as livrarias.—1 volume com 407 paginas
PREÇO 240 RÉIS

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

ESTÁ PUBLICADO O 19.º FASCICULO

PREÇO 400 RÉIS

Assigna-se na administração e empreza

Antiga livraria Zeferino

87, RUA DOS FANQUEIROS—LISBOA

P. J. A. CAMBOURNAC

OFFICINA A VAPOR DE TINTURARIA

14 E 16 LARGO DA ANNUNCIADA

420, Rua de S. Bento

LISBOA

EL MUNDO ILLUSTRADO

BIBLIOTHECA DE LAS FAMILIAS

HISTORIAS, VIAGENS, SCIENCIAS, ARTES E LITTERATURA

Um fasciculo de 32 paginas por semana com 64 columnas de texto
muitas gravuras perfeitissimas

BRINDES TODOS OS MEZES

PREÇOS

Trimestre 2\$330 Semestre 4\$560 Anno 9\$120

Recebem-se assignaturas na redacção do Almanach das Senhoras, Rua de S.
Bento n.º 218.

RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

ACCEITAM-SE ANNUNCIOS

Na Livraria ZEFERINO

87, Rua dos Fanqueiros—Lisboa

CADA ESPAÇO 400 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario-gerente Henrique Ze-
ferino.

LUVAS A' BON MARCHÉ

O CENTRO COMMERCIAL, expõe a melhor luva que se pôde
manipular em pellica russiana, franceza e nacional aromatisada com
o mais distincto perfume oriental. Preço de luva com 4 botões para
dama e com 2 para cavalheiro são 500 réis!!! Enviaem pelo correio
a troco de estampilhas. Fazem abatimento para exportação.

DEPOSITOS PRINCIPAES

LISBOA, Rua Aurea, 120 a 122—PORTO, Praça de Carlos Al-
berto, 11, 12, 13 e 14.

Ha luvas aromatisadas para todos os preços no Centro Commercial.

A ARTE

PUBLICAÇÃO MENSAL DE LITTERATURA E BELLAS ARTES

Adornado de gravuras em madeira e aço
tanto nacionaes como estrangeiras, representando monumentos
historicos, objectos artisticos
e archeologicos, copias de quadros celebres, etc.

EDITOR

ESCRIPORIO

DIRECTOR

Christovão X. Rodrigues 145, Rua do Norte, 1.º X. Sousa e Vasconcellos

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA (paga adiantada)

Portugal Trimestre 900 | Semestre 1\$800 Semestre 6\$000
Anno 3\$600 Brazil Anno 12\$000

TABACARIA NEVES

TEM UM VARIADO SORTIMENTO DE TABACOS NACIONAES E EXTRANJEIROS

VINHOS ENGARRAFADOS

FLORES E ARTIGOS DE CORTIÇA

PRAÇA DE D. PEDRO, 42 e 42

Vende varios jornaes e entre outros as
Ribaltas e Gambiarras

103

RUA AUREA

OURIVESARIA

103

PEDRO MOREIRA

Especialidade em objectos de ouro e de prata pro-
prios para BRINDES

103—RUA AUREA

MUSICAS

PARA PIANO E PARA PIANO E CANTO

OPERAS COMPLETAS DOS MELHORES AUCTORES

À 300 RÉIS

EDIÇÕES NITIDAS E CORRECTISSIMAS

LIVRARIA ZEFERINO—Rua dos Fanqueiros, 87